

População ameaça vida do Paranoá

Crescimento das áreas habitacionais em torno da bacia ameaça o lago, que pode sofrer um desastre ecológico em seis anos

Nicolas Bonvakiades
Da equipe do **Correio**

O relatório da expedição Crulls, que fez o reconhecimento da região onde hoje está situado o Distrito Federal, aponta em determinado trecho a existência de uma área para onde convergiam diversos cursos d'água formando um novo rio. "Possivelmente naquela região deveria existir um lago pré-histórico. Se fizermos uma barragem neste penhasco, um lago navegável, em ambas direções, poderia novamente ser formado", revela o texto escrito há um século.

E foi assim que, em 1959, surgiu o lago Paranoá. Mas todo lago tem um ciclo de vida que um dia chega ao fim. No caso do Paranoá, onde a interferência humana é grande desde o primeiro momento de sua existência, a "morte" pode ser decretada pelo crescimento populacional exagerado.

De 1969 a 1974, ocorreu o crescimento acelerado da cidade sem o acompanhamento das estruturas de esgotamento sanitário — na época duas estações de tratamento de esgotos. Isso levou ao acidente ecológico de 1978, quando o excesso de elementos químicos nutrientes, basicamente fósforo e nitrogênio, provocou a superpopulação de algas (o Bloom), no braço sul do lago.

DESPOLUIÇÃO

Esse é o processo natural chamado eutrofização (veja quadro). Ao longo dos anos, foi controlado com a diminuição do lançamento da quantidade de fósforo às águas. O limite diário máximo para a capacidade de absorção pelo lago é de 170 quilos. "Atualmente são lançados entre 130 e 140 quilos diariamente", garante responsável pela área de tratamento de esgotos do Paranoá, Marcelo Teixeira.

Para corrigir a situação de 1978, grandes investimentos foram feitos na despoluição da bacia, na modernização das Estações de Tratamento de Esgotos (ETE) das asas Sul e Norte e construção de novas ETEs. A forma de tratamento dos esgotos nas duas primeiras ETEs também mudou, agora é mais sofisticadas e permite o lançamento de menor quantidade de substâncias prejudiciais à vida do Paranoá.

Mas a situação atual de balneabilidade tem data limite. O estudo *Distribuição Temporal da População na Bacia do Paranoá, Considerando os Empreendimentos Urbanísticos Previstos, a Carga de Fósforo Gerada e a Capacidade de Suporte do Lago Paranoá*, elaborado pelo Instituto de Planejamento Territorial e Urbano do Distrito Federal (IPDF), Caesb, Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), aponta o ano: 2005, o mesmo ano em que se atinge o limite da capacidade de abastecimento de água.

Quatro anos depois da virada do milênio, se não forem tomadas rígidas medidas de controle do crescimento populacional na bacia do Paranoá, ou novas técnicas de purificação da água adotadas, a eutrofização do lago recomeçará e a evolução, com uma população maior que na década de 1970, será bem mais rápida.

ASSOREAMENTO

Além da volta do mau-cheiro, o lago também está ameaçado de ter o volume de água reduzido pelo assoreamento (veja quadro) e pela contaminação por microorganismos patogênicos em esgotos não tratados ou indevidamente tratados diretamente no lago ou nos riachos tributários.

O lago existe com finalidade paisagística, para melhoria do microclima nas áreas da orla, para lazer e geração de energia. Além disso, é diluidor de esgotos tratados e receptor da drenagem urbana. A bacia hidrográfica, formada a partir de 23 riachos, abriga uma população de cerca de 600 mil habitantes.

Os lançamentos de esgotos de todas essas pessoas vai parar no lago. Dezenove aglomerados urbanos estão localizados na região da bacia: Plano Piloto, Lago Sul, Lago Norte, Guará, Núcleo Bandeirante, Candangolândia, Cruzeiro, Setor de Indústrias, Octogonal, Sudoeste, Setor Militar Urbano, Riacho Fundo, Águas Claras, Areal, Paranoá, Noroeste, Taquari, Catetinho e Setor de Mansões Dom Bosco.

Além dos esgotos, qualquer guimba de cigarro ou papel de bala jogados na rua, quando levados para os bueiros pelas chuvas, vai cair no lago. "Toda a atividade da cidade reflete no lago", afirma Marcelo Teixeira.



Se não houver um trabalho para diminuir a entrada de esgoto e o volume de lixo o lago Paranoá será um problema ecológico